



© Retrato extratexto de Guilherme de Vasconcelos Abreu publicado na sua obra de 1898 *Chand-Bibi: a sultana branca de Amenagara. Lenda indiana fantasiada da tradição histórica do século XVI* (Lisboa: Livraria de António Maria Pereira).

Guilherme de Vasconcelos Abreu

(Coimbra, 1842 - Lisboa, 1907)

Guilherme Augusto de Vasconcelos Abreu nasceu a 20 de maio de 1842 em Coimbra. Bacharel em Matemática, estudou para ser engenheiro naval, mas foi na língua sânscrita que se distinguiu, ao ser o primeiro professor desta língua numa instituição nacional de ensino superior. A ele se deve a introdução formal dos Estudos de Sânscrito em Portugal.

Filho de Vítor Madaíl de Abreu e de Guilhermina Cândida de Vasconcelos Abreu, iniciou a sua educação em Coimbra, sendo enviado, aos 14 anos, para o colégio de Alexander Grant no Porto, onde terá permanecido até 1858 e de que, porém, não se encontram registos. Antes de concluir o ensino preparatório, foi acolhido por familiares no que viria a ser uma curta estadia no Rio de Janeiro, para onde foi enviado em maio de 1858, a fim de se dedicar ao setor comercial. De regresso ao país natal, cursou Matemática na Universidade de Coimbra, onde foi admitido em 1860 e donde saiu bacharel em 1864, trazendo consigo distinções várias e conhecimentos adquiridos de forma autodidata sobre língua e literatura sânscritas. Terá sido em Coimbra onde primeiro travou amizade com **Francisco Adolfo Coelho**, também ele admitido no curso de Matemática, mas em 1862, que abandonou, porém, no mesmo ano em que Vasconcelos Abreu se formou.

Tendo, entretanto, assentado praça em 1861, inscreveu-se em 1864 no primeiro ano da Escola do Exército em Lisboa (então Escola de Guerra), deixando por concluir o curso de Artilharia. Completou, todavia, o de Engenharia Naval, na Escola Naval, onde obteve sempre o primeiro prémio e sem descurar o estudo, nas horas vagas, do Sânscrito e também da

história de Portugal na Ásia e a presença do Oriente na literatura portuguesa. Por ocasião da morte do pai (por volta de 1870), e pouco antes de ser promovido a segundo tenente, viu-se na obrigação de ocupar o lugar do pai como tabelião em Coimbra, sendo dois anos depois transferido para Lisboa. Na capital, encontrar-se-ia já estabelecido o irmão Augusto Cesário de Vasconcelos Abreu (1849-?), que, formado na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, veio a ser médico de Camilo Castelo Branco.

Data de 1869 a primeira publicação - uma tradução incompleta de um episódio do *Rāmāyana* - que se conseguiu localizar da autoria de Guilherme de Vasconcelos Abreu. Dado à estampa no *Jornal Litterario* de Coimbra, esse trabalho de tradução apareceu ao lado de um texto assinado pelo fiel companheiro **Adolfo Coelho**.

Augusto Mendes Simões de Castro (1845-1932) e José Maria da Silva Leal (1812-1883) são alguns dos ilustres da elite cultural portuguesa que o recomendariam, em 1873, exercia então funções de escrivão, como versado na língua dos brâmanes ao arquiteto da Casa Real **Joaquim Possidónio Narciso da Silva**, primeiro delegado português no **Congresso Internacional de Orientalistas** (Paris, 1873). No final desse ano, o seu saber científico levá-lo-ia a envolver-se numa polémica com **Cândido de Figueiredo** por conta da tradução, em verso, que este fizera do episódio *Morte de Yaginadatta* do épico *Rāmāyana*. Vasconcelos Abreu repreendeu-o, no *Jornal do Commercio*, por ser autor de uma tradução indireta, por via do Francês, acusando-o de não saber Sânscrito, ou seja, de não ser orientalista, o que, naturalmente, mereceu resposta de **Cândido de Figueiredo** e esteve na origem de uma troca de palavras que se prolongou durante todo o mês de dezembro de 1873. Em 1874, por insistência do arquiteto, Vasconcelos Abreu aceitou avançar com o projeto de constituição de uma **Associação Promotora dos Estudos Orientais e Glóticos em Portugal**, da qual **Augusto Soromenho** chegou a ser secretário e que contava, entre outros, com **Cândido de Figueiredo** como membro. (O convite para integrar a **Associação** partiu de **Possidónio Narciso da Silva**.) Não se conhecem, contudo, iniciativas desta **Associação**, excetuando a *Exposição Feita perante os Membros da Comissão Nacional Portuguesa do Congresso Internacional dos Orientalistas Convocados para Constituirem uma Associação Promotora dos Estudos Orientaes e Glotticos em Portugal*, que Vasconcelos Abreu proferiu a 29 de dezembro de 1873, na sala das Ciências Médicas de um edifício que já não existe e estaria localizado na atual Estação do Rossio.

Em finais de setembro de 1874, Vasconcelos Abreu viajou por França e Alemanha, travando conhecimento com o filólogo Émile Littré (1801-1881), com quem começou a

corresponder-se, e privando com vários orientalistas franceses. Numa das cartas trocadas com Littré, e publicada no tomo XIII da revista *La Philosophie positive*, o orientalista francês atribui a Vasconcelos Abreu a autoria da tradução, publicada anonimamente, no Porto, de *Doctrine du réel. Catéchisme à l'usage des gens qui ne se paient pas de mots*, de Prosper Pichard. Ainda segundo Littré, foi Vasconcelos Abreu quem introduziu Teófilo Braga ao Positivismo.

Foi a partir de 1875 que Vasconcelos Abreu passou a dedicar-se aos Estudos Orientais de forma mais intensiva e profissional. De maio de 1875 a julho de 1877, e por intermediação do Marquês d'Ávila e de Bolama (que lhe fora apresentado pelo arquiteto **Possidónio Narciso da Silva**), prosseguiu estudos de filologia oriental, em particular de Sânscrito e literatura védica, ao regressar a França e Alemanha com uma bolsa financiada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, cuja concessão foi autorizada pelo conselheiro João de Andrade Corvo, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros (entre 1871 e 1878). Várias foram as razões por que lhe foi concedida a bolsa, por portaria de 16 de março de 1875, para o que se entendia ser uma missão científica. De acordo com uma cópia de 8 de maio de 1877 dessa portaria, assinada pelo conselheiro da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, Jorge César Figanière (1813-1887):

[O] sanscrito é ainda hoje a lingua dos homens mais considerados entre os indios, e a das leis, instituições e litteratura d'estes, e o fio conductor para chegarmos ao conhecimento da sua condicção social e moral: - Considerando que o grande progresso das colonias inglezas no Industão é devido em grande parte ao conhecimento da origem historica do povo da India, á verdadeira compreensão, obtida pelo estudo do sanscrito, da sua religião e instituições e que as colonias portuguezas daquela península carecem de ser administradas segundo tal conhecimento: - Considerando que nenhum paiz pode ficar extranho ao movimento extraordinario que estes estudos philologico-orientaes teem dado a todos os ramos da sciencia historica: - Considerando que Portugal não só pelo seu interesse colonial mas tambem pelo internacional, e ainda pelo do seu progresso na instrucção publica carece de entrar nesta ordem de estudos: - Considerando que se Portugal não pode fundar já estabelecimentos scientificos a exemplo da Allemanha, da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos d'America ou creados para o desenvolvimento das modernas descobertas no campo da *Historia pre-historica*, da *Glottica* ou *sciencia da linguagem*, da *Mythologia comparativa*, da *Ethnologia*, deve, porem, supprir[,] a exemplo da Italia, estas necessidades da civilisação actual subsidiando em paiz estrangeiro os individuos que mais vocação mostrem por estas disciplinas, para depois virem fomentar estudos sobre que assenta a renovação intellectual [...]. (ANTT. MR, Inst. Publ., 1.ª Repartição, Mç. 3666, Liv. 7, n.º 198 a n.º 68; ênfase do original)

Como o próprio Vasconcelos Abreu relatou, subscrevendo o discurso estatal, esta missão científica teria constituído a oportunidade para desenvolver estudos de mitologia comparada, que seria uma disciplina “útil para o conhecimento do estado social e moral dos indígenas das colónias” (Abreu 1878a, 5, n. 2), daqui sobressaindo uma ligação ideológica entre a política de estímulo ao intercâmbio científico e à educação e a política de administração colonial. Adivinha-se, de igual modo, uma preocupação governamental, conquanto não venha a ser continuada, de formação de um corpo docente capaz de treinar agentes coloniais (oficiais do Estado Português). Vasconcelos Abreu via a ação colonial britânica na Índia como modelo a seguir para salvaguardar a continuidade da presença portuguesa no espaço indiano. Defendia que para se conhecer, e portanto administrar, as então colónias portuguesas, em particular o Estado Português da Índia, era necessário conhecer aturadamente as suas línguas, literaturas e culturas.

Segundo **Adolfo Coelho**, que Vasconcelos Abreu (1878a, 13) nomeou como o primeiro cultor da Glotologia em Portugal, o sanscritista terá publicado três relatórios decorrentes do período de realização da sua missão científica no estrangeiro. O primeiro teria sido publicado no *Diário do Governo* a 21 de setembro de 1877, informação que não conseguimos confirmar. Os outros dois saíram em 1878, na Imprensa Nacional, como fascículos - e com uma tiragem de 1000 exemplares cada um - e são identificados, respetivamente, como primeiro e segundo relatórios. Se o primeiro fascículo - *Investigações sobre o Caracter da Civilização Árya-Hindu* - foi concluído a 15 de janeiro de 1877 e remetido a Andrade Corvo a partir de Paris, o relatório relativo ao segundo ano de estudos foi concluído a 21 de janeiro de 1878 - *Importância Capital do Sâoscrito como Base da Glottologia Árica* -, mas desta vez dirigido ao então presidente do Conselho de Ministros, Marquês d'Ávila e de Bolama, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino. Na folha de rosto do último, Vasconcelos Abreu subscreve-se como “Discípulo de Haug (Munique) e de Bergaigne (Paris)”. A terceira, e última, parte deste relatório diz especificamente respeito às “vantagens praticas e immediatas [que] resultam do conhecimento d’elles [os Estudos Orientais] para a organização científica em Portugal e de administração colonial” (1878b, 1).

De acordo com os relatórios, Vasconcelos Abreu chegou à capital francesa em meados de maio de 1875, onde contactou com Abel Bergaigne (1838-1888) na École de Hautes Études, no âmbito de um curso de história de literatura antiga da Índia. Foi Bergaigne quem o introduziu aos gramáticos hindus e o desafiou a mostrar-lhe traduções por si realizadas, ainda em Portugal, e a corrigir esses trabalhos de tradução, que incluíam excertos de clássicos

indianos como *Rāmāyana*. Ainda por sugestão de Bergaigne, Vasconcelos Abreu analisou e traduziu o primeiro conto dos cinco que compõem a *Anthologia Sanscritica* (1868) do orientalista de ascendência norueguesa Christian Lassen (1800-1876), “kathānaka de Vetāla”. Começou também, embora não chegasse a concluir ou publicar, a tradução parcial de *Hitopadeśa*, nomeadamente a introdução e parte do *mitra-lābha* [a união dos amigos] (Abreu 1878a, 6). Terá contactado com o professor e tradutor de Sânscrito Philippe-Édouard Foucaux (1811-1894), no Collège de France, a quem deu a ler parte do relatório que escreveu (Abreu 1878a, 46, n. 1). Por sugestão de Bergaigne, seguiu o trabalho do também matemático, sanscritista e professor de Filologia Comparada norte-americano William Dwight Whitney (1827-1894), da Universidade de Yale, autor de *A Sanskrit Grammar* (1879). Durante a sua estada em Paris, foi membro de júri na exposição do Congresso Internacional de Ciências Geográficas, que aí teve lugar de 1 a 11 de agosto de 1875, e de que foi um dos seus secretários-gerais. Terá inclusive sido agraciado com uma medalha especial pelo trabalho desenvolvido.

Em finais de agosto, chegou a Munique. A 3 de setembro conheceu Martin Haug (1827-1876), o orientalista que melhor conheceria os ritos e cerimónias hindus, antigo inspetor dos Estudos de Sânscrito na Universidade de Pune, na Índia. Com ele teve aulas particulares de setembro a novembro; na Universidade de Munique, começaria as aulas a 2 de novembro. O seu avançado nível de competência em língua sânscrita, que seria equivalente a dois anos de estudo da língua (Abreu 1878a, 22), levou-o a matricular-se nos cursos 2 e 3 lecionados por Haug, respetivamente “Einleitung in den Atharvaveda” [Introdução ao *Atharvaveda*], quatro vezes por semana, e “Einleitung in das Studium der assyrischen und babylonischen Keilinschriften mit Interpretationsübungen” [Introdução ao estudo das inscrições cuneiformes assírias e babilónicas, com exercícios de interpretação], duas vezes por semana. Problemas de saúde impediram, todavia, Vasconcelos Abreu de prosseguir o último curso; com efeito, entre finais de outubro e março, terá feito os seus estudos sob estado de saúde bastante debilitado (anemia). Na Alemanha, aperfeiçoou o seu conhecimento da obra do famoso sanscritista Max Müller (1823-1900), que era membro correspondente da **Academia Real das Ciências de Lisboa** desde 7 de janeiro de 1870 e cujo trabalho muito admirou e acompanhou de perto. A 13 de novembro de 1875, Martin Haug escreveu a Vasconcelos Abreu uma carta de recomendação (que se reproduz abaixo em ortografia atualizada) e com ele completou, até dezembro desse ano, a tradução do primeiro livro de *Hitopadeśa*. No entanto, a primeira tradução completa para Português viria a ser publicada duas décadas

mais tarde, em 1897, pela pena de Monsenhor **Sebastião Rodolfo Dalgado**, sucessor de Vasconcelos Abreu no **Curso Superior de Letras**, e por este prefaciada. Como parte da sua formação, Vasconcelos Abreu terá também traduzido hinos tanto de *Rigveda* como de *Atharvaveda*. A partir de janeiro de 1876, as lições particulares com Haug passaram a versar também a história da civilização assíria e respetivos pontos de contacto com a civilização egípcia.

A morte de Martin Haug levou Vasconcelos Abreu a retornar, em outubro de 1876, a Paris. Durante esse ano, terá estudado a obra de Sayana Acharya, comentador dos *Vedas*, e do gramático Panini, assim como a língua zenda, os hinos védicos e a história das civilizações antigas do Oriente, sobretudo a da Índia (Abreu 1878a, 56). Continuou a fazer muito trabalho autodidata e teve diversas lições, incluindo de egiptologia com Gaston Maspero (1846-1916), de assiriologia com Julius Oppert (1825-1905) ou de antropologia com Paul Broca (1824-1880), fundador da Sociedade de Antropologia de Paris. Entre a Páscoa e finais de maio de 1877, frequentou um curso lecionado por Bergaigne sobre os *Vedas*.

No verão de 1877, Vasconcelos Abreu regressou a Portugal. Foi nessa altura nomeado lente do Curso de Língua e Literatura Sânscrita, Védica e Clássica, estabelecido por decreto de 15 de setembro de 1877, em anexo ao **Curso Superior de Letras**, então sob a direção de Teófilo Braga. Adotando um plano curricular muito semelhante ao seu próprio plano de estudos no estrangeiro, Vasconcelos Abreu concebeu o curso para três anos. João Couvaneiro (2012, 40) sistematiza da seguinte forma o plano curricular que desenvolveu e remeteu, logo a 12 de setembro de 1877, ao Ministério dos Negócios do Reino, conforme documento patente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (MR, Inst. Publ., 1.ª Repartição, Mç. 3666, Liv. 7, n.º 198 a n.º 68): o primeiro ano dividia-se em duas partes, a primeira versaria o estudo exclusivo de elementos de gramática sânscrita e textos clássicos e a segunda versaria, alternadamente, textos clássicos e as relações étnicas e linguísticas entre a Índia Antiga e a Europa; no segundo ano analisar-se-ia, alternadamente, a ideia geral de literatura sânscrita das épocas védica e pós-védica e explicar-se-ia o drama sânscrito e prácrito *Xacuntalá*; por fim, o terceiro ano, também dividido em duas partes, compreenderia, primeiro, o estudo exclusivo dos hinos védicos e, segundo, o estudo alternado dos hinos com o do desenvolvimento social na Índia Antiga e a formação do budismo. Em sessão de 15 de outubro de 1877, o Conselho dos Professores do **Curso Superior de Letras** determinou que a primeira aula do curso de Sânscrito teria lugar a 7 de novembro, decorrendo o período de matrícula entre 18 e 31 de outubro (ANTT. MR, Inst. Publ., 1.ª Rep., Mç. 3666, Liv. 7,

doc. 132). No entanto, uma ata manuscrita também patente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, e assinada por Ernesto da Silva, filho do arquiteto **Possidónio Narciso da Silva** e aluno de Vasconcelos Abreu, dá conta de que a sua primeira lição de Sânscrito teria sido lecionada a 20 de novembro de 1877.

Ainda nesse ano, em julho, antes de assumir funções de docência, foi encarregado pelo Marquês d'Ávila e de Bolama de redigir uma gramática de Sânscrito (clássico e védico), bem como uma crestomatia de textos sânscritos clássicos e de hinos védicos. *Manual para o Estudo do Sânscrito Clássico* foi publicado em 1881 com o patrocínio do Estado Português e, de acordo com o testemunho de Vasconcelos Abreu, terá esgotado. O orientalista belga Charles de Harlez (1832-1899), que terá seguido com atenção o seu trabalho, recenseou a obra e elogiou o autor pelo seu incentivo ao desenvolvimento dos Estudos Orientais em Portugal. A crestomatia apareceu entre 1883 e 1891. Ambos os volumes foram usados, a par dos dois relatórios publicados pela Imprensa Nacional, como textos de apoio às suas lições (veja-se, a título de exemplo, a relação dos livros adotados pelo conselho do **Curso Superior de Letras** para as lições das várias cadeiras para o ano de 1882-1884, ANTT. MR, Inst. Publ., 1.ª Repartição, Mç. 3683, Proc. 201 a 236, Liv. 13, doc. 254). Logo em 1878, foi introduzida no plano curricular do **Curso Superior de Letras** a cadeira de Língua e Literatura Sânscrita, Védica e Clássica, que deixou assim de estar anexa ao **Curso** e foi assegurada por Vasconcelos Abreu até ao final de 1906. O sanscritista entrou, portanto, nesse ano para o corpo docente do **Curso** juntamente com o amigo **Adolfo Coelho**, e ambos tiveram **David Lopes**, **Constâncio Roque da Costa** e **Jerónimo da Câmara Manuel**, entre outros, como alunos.

Entre 1880 e 1884, a doença de que padecia (diabetes) impedi-lo-ia de produzir mais no âmbito da história portuguesa da Ásia, para além de lhe dificultar a locomoção, chegando mesmo a impossibilitá-lo de sair de casa e levando-o a lecionar a partir dali, conforme carta de autorização expedida pelo diretor da Instrução Pública a 7 de março de 1882. Não o impediu, porém, de participar no programa das comemorações em Lisboa do tricentenário de Camões, em 1880, ou de, entre 1881 e 1883, ser secretário do **Curso Superior de Letras** e responsável pela sua biblioteca.

Pelo menos nesta década de 1880, esteve também ligado ao Ministério da Marinha e Ultramar, ao integrar a Comissão das Missões Ultramarinas (1882-1883) e tomar parte nas suas conferências - ao lado de, entre outros, **Luciano Cordeiro** - através da **Sociedade de Geografia de Lisboa**, de que se tornou sócio ordinário a 28 de fevereiro de 1880 (com o n.º de registo 404). Aí integrou, por decreto de 12 de agosto desse ano, a Comissão Africana, na

qualidade de vogal das Secções de Antropologia e Ciências Naturais - juntamente com, entre outros, **Adolfo Coelho** e **Luciano Cordeiro** - e de Ensino Geográfico - ao lado de, entre outros, **António Pereira de Paiva e Pona**, **Cândido de Figueiredo** e também **Adolfo Coelho**. Nesse mesmo ano, participou no Congresso Antropológico de Lisboa. Presidiu por diferentes períodos à Comissão Asiática da **Sociedade de Geografia** (pelo menos em 1891-1892 e 1901), e foi vice-presidente da instituição em 1893 e 1894. Em 1898-1899, o seu nome surgiu, de novo, associado à Secção de Ensino Geográfico, a par dos de **Luciano Cordeiro** ou **Gonçalves Viana**. Nesse âmbito, foi coautor de uma proposta de programa para o ensino de Geografia Colonial, publicada sob o n.º 11 dos *Pareceres e Projectos. 1-15 relatórios 1895-1930* da **Sociedade de Geografia**. Em 1904, presidiu à Secção de Etnografia, tendo **Gonçalves Viana** por vice-presidente; em 1905, foi inscrito no quadro de honra da **Sociedade**, por perfazer 25 anos ininterruptos de sócio.

Através desta agremiação, manteve-se sempre muito próximo da cena política, alinhando-se, como se disse já, com a visão pedagógica patente nas políticas coloniais das principais potências europeias. Nesse sentido, e argumentando em favor da necessidade de educar para saber administrar e manter as colónias, defendeu a criação, em Lisboa, de um instrumento educativo ao serviço do Estado Português - um Instituto Oriental e Ultramarino, promotor de uma educação científica colonial, cujo projeto apresentou no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* em 1890. Nesse projeto toma como modelos as escolas coloniais existentes em Inglaterra, França, Holanda e Alemanha.

Em 1892, foi incumbido pelo Ministério do Reino e Instrução Pública de exercer funções de examinador no Liceu de Lisboa (de Francês, Português, Literatura e História), tarefa que o terá impedido de avançar nos seus estudos de sanscritologia. Na sequência da reforma do **Curso Superior de Letras** em 1901, deixou de ter alunos e saiu do Conselho do **Curso**. No ano letivo de 1904-1905, e por iniciativa do mesmo Ministério do Reino, regeu um curso (gratuito) de Antiguidades Áricas na Universidade de Coimbra, que terá atraído muitos alunos. O programa do curso é explanado em *Samscritologia e seu Valor* (1903).

Na década de 1890, acolheu no seu lar tertúlias que **Sebastião Rodolfo Dalgado** descreveu como “palestras sanscritológicas” (1917, 3), nelas reunindo, além de **Dalgado**, os seus discípulos **Gonçalves Viana** e Consiglieri Pedroso, que, ascendendo entretanto a diretor do **Curso Superior de Letras**, muito se empenhou na contratação do orientalista goês. Com efeito, a Vasconcelos Abreu sucedeu, a partir de 1907, na cadeira de Língua e Literatura Sânscrita, Clássica e Védica, **Sebastião Dalgado**, que passou a assegurá-la desde então,

integrando assim o corpo docente do **Curso**. Na dedicatória incluída em *Exercícios e Primeiras Leituras de Sânscrito* (1889), Vasconcelos Abreu nomeia também como seus discípulos o engenheiro civil José Francisco Alves Barbosa de Bettencourt e o tipógrafo da Imprensa Nacional **José António Dias Coelho**, através de cujo artifício fez entrar em Portugal os caracteres tipográficos em Sânscrito. Ainda do círculo lisboeta de amigos orientalistas ou interessados na matéria, privou com **Joseph Benoliel**, Oliveira Martins e Antero de Quental, a quem deu lições de esgrima, no ginásio do Convento da Estrela, correspondendo-se também com o historiador Alberto Sampaio (1841-1908) (cf. Arquivo Municipal de Vila Nova de Famalicão, PT/MVNF/AS-AS/2-2.1-2.1.1/001-001/000001).

Segundo o ex-aluno e discípulo **Gonçalves Viana**, em missiva trocada a 6 de outubro de 1888 com Hugo Schuchardt (1842-1927), linguista alemão especialista em crioulos românicos, os trabalhos de sanscritologia de Guilherme de Vasconcelos Abreu, publicados na Imprensa Nacional, foram compostos e impressos por **Dias Coelho**, que seria bem reputado na comunidade orientalista portuguesa pela sua excelência na composição de tipos orientais (cf. <https://schuchardt.uni-graz.at/id/letter/1551>). Conforme testemunho da mesma carta, o próprio Vasconcelos Abreu ter-se-á correspondido com Schuchardt. **Gonçalves Viana** refere ainda que *A Literatura e a Religião dos Árias na Índia* (1885), de Vasconcelos Abreu, foi publicado em Paris no âmbito da coleção *Biblioteca*, organizada por ambos, em conjunto com Consiglieri Pedroso. A esta obra sucedeu, na mesma coleção, o *Vocabulário Ortográfico* (1912) de **Gonçalves Viana**, com quem, logo em 1885, estivera envolvido na elaboração das bases para a ortografia portuguesa, que Vasconcelos Abreu seguiu sempre nos trabalhos que escreveu.

Seria Reinhold Rost (1822-1896), bibliotecário-mor do India Office, em Londres, que atualizaria a secção indiana da biblioteca de Vasconcelos Abreu, remetendo-lhe para Lisboa livros publicados na Índia (Santos 2010, 79 n. 128). Terá privado com o epigrafista austríaco G. Bühler, a quem ofereceu, em público, por ocasião do **Congresso Internacional de Orientalistas em Estocolmo (1889)**, uma cópia de uma inscrição indiana patente na Quinta da Penha Verde, em Sintra. Essa cópia esteve na origem do trabalho, de Bühler, “The Cintra Prasasti of the Reign of Sarangadeva”, publicado no volume primeiro de *Epigraphia Indica* (1892, 271-287). Há também registos de contacto epistolar mantido com o conde italiano Angelo De Gubernatis (1840-1913), com quem gostaria de ter tido lições de Sânscrito (Vicente 2009, 69 n. 24).

Foi membro de diversas associações e sociedades científicas e académicas, tanto nacionais como internacionais, destacando-se como sócio correspondente da **Academia das Ciências de Lisboa**, para a qual foi eleito a 9 de fevereiro de 1887, do **Instituto** da Universidade de Coimbra, a partir de 1883, e da Sociedade de Antropologia de Paris, sendo também membro subscritor da **Société Asiatique** e sócio da Société Académique Indo-Chinoise (Paris). Foi membro honorário da Association Phonétique des Professeurs de Langues Vivantes desde 1894, na companhia de Max Müller, entre outros, bem como membro do Gabinete Português de Leitura em Pernambuco e sócio honorário da Sociedade de Geografia Comercial do Porto.

Sem grande surpresa, o nome de Guilherme de Vasconcelos Abreu surge associado, em diferentes moldes, a quase todos os **Congressos Internacionais de Orientalistas** que decorreram no século XIX.

Na sequência da realização do **I Congresso (Paris, 1873)**, de que foi membro subscritor a convite de **Possidónio Narciso da Silva**, fez em Lisboa uma *Exposição* (1874), já mencionada, aos membros da comissão nacional portuguesa desse congresso, em que, por um lado, exortou à união dos países europeus de origem latina e seu alinhamento com a França para acolher os Estudos Orientais e este tipo de evento científico; sugeriu mesmo que o congresso de 1874 tivesse lugar em Roma, o de 1875 em Madrid e o de 1876 em Lisboa. Por outro lado, ciente da conjuntura histórica e da evolução científica que se estava a testemunhar na segunda metade de Oitocentos, antevia um futuro promissor para Portugal no desenvolvimento do orientalismo como área disciplinar e de investimento académico.

Numa carta de 3 de março de 1877 a De Gubernatis, Vasconcelos Abreu revela-lhe que a situação monetária o impedira de participar na segunda sessão do **Congresso Internacional de Orientalistas**, em 1876, em **S. Petersburgo** (Vicente e Amaral 2019). Já no **IV Congresso (Florença, 1878)**, o seu nome surge inscrito na lista de membros, embora tenha sido marcado como ausente. Também não participou no **V Congresso (Berlim, 1881)**, apesar de, segundo Samarth (1999, 101), o orientalista alemão August Dillmann (1823-1894) ter escrito ao governo português a solicitar o envio de um delegado, chegando mesmo a propor o nome de Vasconcelos Abreu. O seu *Manual para o Estudo do Sânskrito Classico* foi, no entanto, remetido para o evento e apresentado na abertura da quarta secção (*Ostasiatische und Ural-altaische*), dedicada à Ásia Oriental e às línguas uralo-altaicas, que foi presidida pelo sinólogo Hans Georg Conon von der Gabelentz (1840-1893). Várias cópias deste espécime bibliográfico foram distribuídas entre os participantes do congresso. Em 1883, por ocasião do

VI Congresso, em **Leiden**, o seu nome foi incluído na lista de membros, ao lado do de **Gonçalves Viana**, ainda que não se tenham encontrado provas de aí ter estado presencialmente. Foi também autor de algumas das publicações oferecidas a esse congresso, a saber: *Fragmentos d'uma Tentativa de Estudo Scolástico da Epopeia Portuguesa. Para comemoração do tricentenário de Camões* (1880); *Manual para o Estudo de Sãoscrito Classico. Tomo II: Chrestomathia* (1883); e a separata *De l'origine probable des Toukhares et de leurs migrations à travers l'Asie* (1883). No **VII Congresso dos Orientalistas (Viena, 1886)**, Vasconcelos Abreu é referenciado na lista dos delegados de Portugal, conquanto, e de novo, marcado como ausente.

O testemunho que dá em *Summario das Investigações em Samscritologia desde 1886 até 1891* confirma-o, porém, presente no **VIII Congresso (Estocolmo e Cristiania, 1889)**: “Vi o 1.º vol. desta nova edição em Estocolmo em 1889, onde o sr. Max Müller o apresentou ao Congresso” (Abreu 1891, 13); “Nesta conformidade o expliquei na última sessão do Congresso de Christiania em 1890 [sic]” (Abreu 1891, 52). Também as linhas de abertura de *Samscritologia e seu Valor* subscrevem o testemunho anterior: “Em 1889, na minha vinda a Coimbra, depois de haver regressado do **Congresso Internacional dos Orientalistas em Estocolmo e Cristiânia**” (Abreu 1903, 5). Segundo o relatório de Joseph de Baye (1853-1931), Vasconcelos Abreu, membro da **Academia Real das Ciências de Lisboa** e delegado do governo português no evento, seria, a par de **Gonçalves Viana**, um dos orientalistas mais reputados de Portugal (Baye 1889, 6). Tanto um como outro participaram no congresso, mas sem qualquer intervenção oral.

Poucos anos depois, Vasconcelos Abreu foi convidado a redigir um *Summario das Investigações em Samscritologia desde 1886 até 1891* pela comissão organizadora do **Congresso Estatutário de Londres de 1891**, e por ordem do governo português, em concreto do Ministério da Instrução Pública. Recebeu o convite de G.W. Leitner (1840-1899) a 30 de julho, confirmou a sua disponibilidade a 8 de agosto e, no final do mês, a bibliografia foi publicada com a indicação, na folha de rosto, de “Cascais, em 20 d’agosto de 1891”, para ser apresentada no congresso londrino, entre 1 e 10 de setembro de 1891. Na sessão de abertura, a 1 de setembro, foram apresentadas 650 cópias do trabalho pelo secretário da comissão organizadora (Leitner). O seu contributo para este congresso foi reconhecido com um diploma de honra e uma medalha de mérito.

Quando a direção da **Sociedade de Geografia de Lisboa** foi abordada por Leitner, secretário e delegado da junta de permanência do congresso de 1891, para organizar a

décima sessão do **Congresso de Orientalistas**, Vasconcelos Abreu assumiu a vice-presidência da comissão executiva, secretariado por **Gonçalves Viana**. No Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa, no espólio de Luciano Cordeiro, existem as provas corrigidas por ambos da que veio a ser a circular preliminar do evento. O relatório que Vasconcelos Abreu redigiu sobre a responsabilidade portuguesa na organização do **X Congresso**, datado de 15 de junho de 1892, anuncia o desfecho que este viria a ter - o seu cancelamento - e salvaguarda o bom nome da **Sociedade de Geografia**. Como contributo para o encontro, preparou o ensaio *Passos dos Lusíadas Estudados à Luz da Mitolojia e do Orientalismo*, que dedicou a **Luciano Cordeiro** e publicou na Imprensa Nacional. É o único trabalho por um orientalista português no âmbito destes congressos comportando no título a identificação do campo do saber a que se reporta - “orientalismo” -, para além de, ao celebrar a epopeia camoniana, ilustrar o que Everton V. Machado descreve como “o constante intercâmbio entre imaginação [literatura] e ciência” (2018, 169). É também o último trabalho que o orientalista associa a estes congressos; talvez a afronta sentida por a junta de Londres, sob a orientação de Max Müller, estar a organizar, em paralelo e, portanto, em concorrência, um congresso que se reivindicava como o **IX Congresso de Orientalistas**, simultaneamente deslegitimando o encontro orientalista de 1891, o tenha levado a desligar-se, por completo, desta rede científica. Basta relembrar as suas palavras iniciais em *A Responsabilidade Portuguesa na Convocação do X Congresso Internacional dos Orientalistas*.

Não podemos ser tão cortesões que nos chamem fracos, nem cerrar os olhos e tapar os ouvidos a ponto de parecermos desleixados, nem tão audazes que nos aventuremos, na verdade, a comprometer o nosso nome e o de El-Rei [...]. (Abreu 1892, 8)

Guilherme de Vasconcelos Abreu desempenhou um papel de relevo na emergência dos Estudos Orientais como área de interesse e investigação em Portugal, tendo contribuído com importantes instrumentos pedagógicos (manuais, exercícios e gramáticas) para o estudo e ensino da língua e da literatura sânscritas, que usou nas suas próprias aulas. Terá ambicionado escrever a história da Índia, em que incluiria um capítulo sobre os viajantes portugueses nesse território (Abreu 1878a, 16), e terá deixado, por concluir ou simplesmente por publicar, a tradução completa de *Xacuntalá*, bem como duas antologias: *Logares Selectos dos Auctores Classicos na Literatura Sãoskrita: texto, vocabulario e resumo grammatical e Selecta de Hymnos Vedicos: texto e vocabulario*. Estas obras são anunciadas - a primeira como estando em preparação e a outra no prelo - pela Imprensa Nacional em 1879. Pelo

menos o primeiro exercício antológico inspirou o título da terceira secção da obra *Exercícios e Primeiras Leituras de Sâmscrito*, que publicou em 1889: “Logares selectos para as primeiras leituras de texto sâmscritico em prosa e verso.” No âmbito da coleção “Curso de Literatura e Língua Sâmscritica Clássica e Védica” terão ficado por publicar pelo menos outros dois livros: o volume III, *Crestomatia Védica. Vocabulário e notas filológicas*, e o volume IV, *Os Árias na Índia até à Queda do Budismo. História da sua literatura e civilização*. Iniciou também, mas abandonou o projeto, deixando por concluir, a tradução de *O Panchatantra*, de Vishnu Sharma. Na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, preservam-se dois volumes manuscritos com a tradução da introdução e de parte da primeira secção desta coletânea de fábulas indianas.

Vasconcelos Abreu foi casado com Maria Júlia Bourdi Pires Monteiro Bandeira (de Vasconcelos Abreu), com quem teve dois filhos, Vítor Bandeira de Vasconcelos Abreu e Maria Josefina Bourdi Pires Monteiro Bandeira de Vasconcelos Abreu (1880-1965). Recebeu várias distinções tanto do Estado Português como de governos estrangeiros. Foi feito Oficial da Ordem de Santiago por mérito científico, literário e artístico em 1889, assim como Comendador da Ordem de Gustavo Wasa da Suécia em 1890; foi condecorado *Officier d'Académie* (distinção académica francesa) e recebeu a insígnia de Grande Oficial da Ordem de Mejidje da Turquia, em 1891.

O sanscritista distinguiu-se também pela sua ação filantrópica. Foi membro da Assistência Nacional aos Tuberculosos, escrevendo em 1900 o folheto *Tuberculose e Contágio da Tuberculose*. Em 1901, terá mesmo apresentado, em Braga, uma palestra sobre “Operariado e tuberculose” (Pereira e Rodrigues 1904, 28). Talvez por sua intermediação, **Adolfo Coelho** veio a colaborar no *Boletim da Assistência Nacional aos Tuberculosos*.

Guilherme de Vasconcelos Abreu faleceu, em Lisboa, a 1 de fevereiro de 1907. Foi então homenageado pelo conselho escolar do Liceu Central do Porto (D. Manuel II). Conforme fotografia patente no Arquivo Digital da Torre do Tombo (cf. <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=1012738>), a 20 de maio de 1938, celebravam-se então os 96 anos sobre o seu nascimento, teve lugar uma sessão de homenagem ao sábio orientalista, contando com a presença de diversas individualidades, como Agostinho José Fortes, José Maria de Queirós Veloso ou Herbert Clairborne Pell. Supõe-se que esta sessão tenha acontecido por ocasião das conferências promovidas pelo **Instituto** de Coimbra. Em 1942, aquando do centenário do seu nascimento, a filha Maria Josefina preparou uma breve biografia do pai, cujo texto foi reproduzido por Anil Samarth (1999, 98-100).

Parte do espólio do orientalista está depositado na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (ULFL-Guilherme V. Abreu), que a adquiriu entre 1911 e 1912 (Santos 2010, 71), reunindo livros que foram parte da sua biblioteca pessoal, entre os quais se encontram as atas da segunda (**Londres, 1874**) e da nona (**Londres, 1892**) sessões do **Congresso Internacional de Orientalistas**. Os livros são todos em línguas estrangeiras (sobretudo Francês, Inglês, Alemão, Italiano), não se tendo detetado bibliografia em língua portuguesa, à exceção de obra própria.

Carta de recomendação de Guilherme de Vasconcelos Abreu por Martin Haug
(ANTT. MR, Inst. Publ., 2.^a Direcção, 1.^a Repartição, Mç. 3666, Liv. 7, n.º 198 a n.º 68)

Atestado

Pelo presente e pelo conhecimento que tenho, atesto que o senhor Vasconcelos Abreu, de Coimbra, que atualmente frequenta o meu curso de Sânscrito com grande regularidade, possui muita disposição para um estudo científico de filologia oriental, e que durante a sua curta estada aqui tem feito já consideráveis progressos. Promete ele vir e ser um excelente aluno de Sânscrito e honrará o governo português que é digno de grande louvor por lhe haver proporcionado os meios necessários para ele seguir estes estudos na Alemanha.

Munique, 13 de novembro de 1875

Dr. Martin Haug

Professor de Sânscrito e de filologia comparada na Universidade de Munique, antigamente inspetor dos estudos de Sânscrito na Faculdade de Pune, Índia, e presidência de Bombaim. -

Ver <http://vasconcelosabreu.bnportugal.gov.pt/>

Ver *Dicionário de Orientalistas de Língua Portuguesa*,
<https://orientalistasdelinguaportuguesa.wordpress.com/guilherme-de-vasconcelos-abreu/>

Bibliografia do autor

LIVROS, CAPÍTULOS & SEPARATAS

1874. *Exposição Feita perante os Membros da Comissão Nacional Portuguesa do Congresso Internacional dos Orientalistas Convocados para Constituirem uma Associação Promotora dos Estudos Orientaes e Glotticos em Portugal*. Lisboa: Typographia Luso-Britannica de W. T. Wood. Disponível em <http://purl.pt/32559>.
1877. *Questions védiques*. Sep. de *Philosophie positive* (mar.-abr.). Versailles: Cerf et fils, Imprimeurs. Disponível em <http://purl.pt/32563>.
- 1878a. *Investigações sobre o Character da Civilização Árya-Hindu*. Lisboa: Imprensa Nacional. Disponível em <http://purl.pt/32561>. [Primeiro relatório apresentado em cumprimento das determinações da portaria do Ministério dos Negócios Estrangeiros de 16 de março de 1875 acerca do primeiro ano de Estudos Orientais feitos em França e Alemanha.]
- 1878b. *Importancia Capital do Sãoskrito como Base da Glottologia Árica e da Glottologia Árica no Ensino Superior das Letras e da Historia*. Lisboa: Imprensa Nacional. Disponível em <http://purl.pt/32562>. [Segundo relatório apresentado em cumprimento das determinações da portaria do Ministério dos Negócios Estrangeiros de 16 de março de 1875 acerca do Sãnskrito e da Glotologia Árica.]
1878. *Sobre a Séde Originaria da Gente Árica: desenvolvimento da sua lingua pelos áryas immigrados no Hindustão: typo aramaico do alphabeto que a fixou em Sãoskrito*. Coimbra: Imprensa da Universidade. Disponível em <http://purl.pt/32622>.
1879. *Principios Elementares da Grammatica da Lingua Sãoskrita. Parte I - Phonologia*. Lisboa: Imprensa Nacional. Disponível em <http://purl.pt/32560>.
1880. *Fragmentos d'uma Tentativa de Estudo Scolastico da Epopeia Portuguesa. Para commemoração do tricentenario de Camões*. Lisboa: Livreiros Depositários, Cruz & C./Pacheco & Carmo. Disponível em <http://purl.pt/32636>. [Reimp. em 2012 por Nabu Press.]

1881. *Manual para o Estudo do Sâoskrîto Classico. Tomo I: resumo grammatical.* “Curso de litteratura e lingua sâoskritica classica e védica” I. Lisboa: Imprensa Nacional. Disponível em <http://purl.pt/32627>.
1881. *Notas para a Historia das Relações entre o Oriente e o Occidente na Antiguidade. Conjecturas sobre analogias entre o budhismo e philosophia grega.* Sep. *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* 3 (2.ª série). Lisboa: Casa da Sociedade de Geographia. Disponível em <http://purl.pt/32614>.
- 1883-1891. *Manual para o Estudo do Sâoskrîto Classico. Tomo II: chrestomathia.* “Curso de litteratura e lingua sâoskritica classica e védica” I. Lisboa: Imprensa Nacional. Disponível em <http://purl.pt/32627>.
1883. *De l'origine probable des Toukhares et de leurs migrations à travers l'Asie.* Sep. *Le Muséon: revue d'études orientales* II. Louvain: Typ. Ch. Peeters. Disponível em <http://purl.pt/32553>.
1885. *A Literatura e a Religião dos Árias na Índia.* Paris: Guillard, Aillaud e C^{ia}. Disponível em <http://purl.pt/32554>.
1885. [coautoria com Gonçalves Viana] *Bases da Ortografia Portuguesa.* Lisboa: Imprensa Nacional [circulação gratuita]. Disponível em <http://purl.pt/437/>.
1887. *O Critério Nomolójico: capítulos de um livro inédito: lições feitas no Curso Superior de Letras acêrca de dados antropolójicos na ciência da linguaagem.* Lisboa: Tipografia de Eduardo Roza. Disponível em <http://purl.pt/32564>.
1887. *Programa para o Estudo do Sâmscrito Clássico.* Lisboa: Imprensa Nacional. Disponível em <http://purl.pt/32583>.
1888. *Noções Elementares de Geographia Geral.* Lisboa: Typ. e Lith. de Adolpho, Modesto & Ca. Disponível em <http://purl.pt/32630>.
1889. *Notas sobre a Questão do Jus Primae Noctis.* Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista Torres. Disponível em <http://purl.pt/32631>.
1889. *Exercícios e Primeiras Leituras de Sâmscrito (apêndice ao manual). Tômo I: gramática e antolojia.* “Curso de litteratura e lingua samscritica clássica e védica” II. Lisboa: Imprensa Nacional. Disponível em <https://archive.org/details/to1eserciosepr02vasc>.

1889. *O Animismo em Jeral e sua Representação entre os Chineses*. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista Torres. Disponível em <http://purl.pt/32629>.
1891. *Summario das Investigações em Samscritologia desde 1886 até 1891: opúsculo escripto a convite da Comissão Organizadora do Congresso Internacional de Orientalistas, Londres, 1891*. Lisboa: Imprensa Nacional. Disponível em <http://purl.pt/32584>.
1892. *A Responsabilidade Portuguesa na Convocação do X Congresso Internacional dos Orientalistas = Responsabilité qui revient au Portugal dans la convocation du Xme Congrès des orientalistes*. Lisbonne: Imprimerie nationale. Disponível em <http://purl.pt/31470>.
1892. *Passos dos Lusíadas Estudados à Luz da Mitolojia e do Orientalismo: memória apresentada à X Sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas*. Lisboa: Imprensa Nacional. Disponível em <http://purl.pt/32557>.
1896. La Symbolique des nombres dans les recettes magiques des traditions et des usages populaires en Europe. In *Mélanges Charles de Harlez. Recueil de travaux d'érudition offert à Charles de Harlez à l'occasion du vingt-cinquième anniversaire de son professorat à l'Université de Louvain 1871-1896*. Leiden: E. J. Brill, 330-335.
1896. O tédio-doloroso. In *Anthero de Quental. In memoriam*. Porto: Mathieu Lugan, Editor, 31-35. Disponível em <https://archive.org/details/antherodequenta00quengooq>.
1897. Introdução. In *Hitopadexa ou Instrução Util. Versão portuguesa feita directamente do original sanscrito por Monsenhor Sebastião Rodolpho Dalgado*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, xv-xxii.
1898. *Exercícios e Primeiras Leituras de Samscrito (apêndice ao manual). Tómo II: vocabulário e notas. "Curso de literatura e lingua samscritica clássica e védica" II*. Lisboa: Imprensa Nacional. [Por ocasião da celebração do Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo da Índia.] Disponível em <http://purl.pt/32620>.
1898. *Chand-Bibi: a sultana branca de Amenagara. Lenda indiana fantasiada da tradição histórica do século XVI*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira. Disponível em <http://purl.pt/32558>.

1898. *A Lenda dos Santos Barlaão e Josafate. I - Texto crítico de um manuscrito que se lê no Códice do Mosteiro de Alcobaça existente com o n.º 266 na Torre do Tombo em Lisboa.* Lisboa: Academia Real das Sciencias.
1898. O animismo entre os chineses. In *Cousas da China. Costumes e crenças*, de Joaquim Heliodoro Calado Crespo. Quarto Centenário do Descobrimento da Índia/ Contribuições da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Imprensa Nacional, 261-280.
1898. [coautoria com A.R. Gonçalves Viana] *Texto Crítico da Lenda dos Santos Barlaão e Josafate: memória apresentada á 2.ª classe da academia Real das Ciências.* Lisboa: Academia Real das Sciencias. Disponível em <http://purl.pt/32555>.
1900. *O Instituto Oriental e Ultramarino Português: ideas succintas acerca da sua criação.* [S.l.]: [s.n.]. Disponível em <http://purl.pt/32565>.
1900. *Tuberculose e Contágio da Tuberculose: escripto de propaganda.* Lisboa: Imprensa Lucas.
1902. *Os Contos, Apólogos e Fábulas da Índia. Influencia indirecta no Auto da Mofina Méndez de Gil Vicente.* Lisboa: Imprensa Nacional. Disponível em <http://purl.pt/32556>.
1903. *Samscritologia e seu Valor. Documentos relativos à criação do curso na Universidade de Coimbra: discurso de abertura.* Curso Integral de Antiguidades Áricas. Lisboa: Imprensa Nacional. Disponível em <http://purl.pt/32613>.

EM PERIÓDICOS

1869. Om! - Adoração a Ganeça. (Episodio do poema oriental - *Rámáyana*). *Jornal litterario: periodico quinzenal destinado a artigos de litteratura e sciencias* 2-3-4 (1.º ano, fev.): 13-15, 21-22, 28-29. Disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/html/10316.2/35541/item1_index.html.
1871. O sentimento indiano: Sávitri - a idea do dever. *Instituto: jornal scientifico e litterario* 14 (6-7): 137-144, 162-168.
1877. Questions védiques. *Instituto: jornal scientifico e litterario* 24 (11-12): 204-208, 253-260.

1877. Questions védiques. *La Philosophie positive* XVIII (jan.-jun.): 277-289, 426-436.
- 1877-1878. Questions védiques. *Instituto: jornal scientifico e litterario* 25 (1-2): 15-20, 111-119.
1878. Contribuições mithologicas. A proposito das “notas mythologicas” do Sr. Adolpho Coelho. *A Renascença: órgão dos trabalhos da geração moderna* 8-9-10 (ago., set., out.): 115-117.
- 1878-1879. Litteratura sãoskrita. *O Positivismo* I: 40-49, 279-290.
- 1878-1879. As civilizações antigas ou do Oriente e as modernas ou do Occidente. [Lição de abertura do Curso de Sãoskrito, no Curso Superior de Lettras, em 7 de Novembro de 1878]. *O Positivismo* I: 176-187.
1882. Notas para a historia das relações entre o Oriente e o Occidente na Antiguidade. Conjecturas sobre analogias entre o budhismo e a philosophia grega. *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* 3 (2.ª série): 209-224.
1883. De l’origine probable des Toukhares et de leurs migrations à travers l’Asie. *Le Muséon: revue d’études orientales* II: 165-188.
1885. A arte de escrever. *A Imprensa. Revista scientifica, litteraria e artistica* 1 (out.): 3-4.
1885. A arte de escrever [continuação]. *A Imprensa. Revista scientifica, litteraria e artistica* 4 (nov.): 31-32.
1887. A gradação prosódica de A. *Revista Lusitana* I (fasc. 1): 30-34.
1888. O animismo em jeral e sua representação entre os chinezes. *Revista de Educação e Ensino* 3: 272-286.
1890. O Instituto Oriental e Ultramarino Português. Idéas succintas àcerca da sua criação. *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* (9.ª série): 521-545.
1891. Portugal and England in Africa. By a Portuguese Official. *The Imperial and Asiatic Quarterly Review* I (1, jan.): 104-110. Disponível em <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.289204/page/n107>.
1891. Portugal and England in Africa. Part II. *The Imperial and Asiatic Quarterly Review* I (2, abr.): 319-322. Disponível em <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.289204/page/n323>.

1895. Conferências realizadas no Instituto de Coimbra para comemoração do Descobrimento do Caminho Marítimo da Índia. 1.ª conferência em 23 de Março de 1895. A fenomenalidade, a alma, e o eu, no budismo. *Instituto: jornal científico e litterario* 42 (7-8-9): 395-408, 470-481, 533-547.
1895. Errata. *Instituto: jornal científico e litterario* 42 (10): 659-660.
1896. Notas á conferência “A Phenomenalidade, a Alma, e o Eu, no Budhismo” publicada em os n.ºs 7, 8, 9, de 1895 n-*O Instituto*. *Instituto: jornal científico e litterario* 43 (1, 2): 76-83, 134-141.
1900. Tuberculose e contágio da tuberculose. *Revista de Educação e Ensino* XV (5): 193-194.
1902. Os contos, apólogos e fábulas da Índia: influência indirecta no auto da Mofina Méndez, de Gil Vicente. *Revista do Conservatório Real de Lisboa* 2: 11-25.

TRADUÇÕES

CALIDAÇA. 1878. *O Reconhecimento de Chakuntalá. Impressão specimen do Acto I do celebre drama de Kálidása. Traslado litteralmente do sãoskrito segundo a recensão bengalí*. Trad. Guilherme de Vasconcelos Abreu. Lisboa: Imprensa Nacional. [Edição bilingue de luxo, com o texto em caracteres devanagáricos em página ímpar e tradução portuguesa em página par.]

PICHARD, Prospero. 1876. *Doutrina do real: catecismo para uso dos que não se contentam com palavras. Precedido de um prefácio por Mr. E. Littré*. [Tradução anónima.] Porto: Livraria Universal de Magalhães & Moniz - Editores.

VISHNU SHARMAN. 18[-]. Ms. *O Panchatantra*, 2 vols. Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ULFL085615.

TRADUÇÕES DA SUA OBRA

1884. Buddhist Legends from “Fragmentos d’uma tentativa de estudo scoliastico da epopeia portugueza”, by G. de Vasconcellos Abreu. *Indian Antiquary* 13: 33-48. Trad. e notas de Donald Ferguson.

RECENSÕES, ESTUDOS E NOTAS (COETÂNEOS) SOBRE O AUTOR

AMARAL, Eloy do. 1907. Necrologia. Dr. Guilherme de Vasconcellos-Abreu. *O Occidente. Revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro* 1015 (10 mar.): 54-55.

ANÓN. 1893. [Vasconcelos Abreu]. *The Times of India*, 15 abril.

BERGAIGNE, Abel. 1877. 186. - *Questions védiques*, par G. de Vasconcellos-Abreu, 23 p. Extrait de la *Revue de Philosophie positive*, mars-avril 1877. *Revue critique d'histoire et de littérature* 39 (29 set.): 177.

DIAS, Epifânio. 1903. A lenda dos santos Barlaão e Josaphate. I Texto critico por G. De Vasconcellos Abreu. Lisbou [sic] 1898. *Zeitschrift für romanische Philologie* XXVII: 465-469.

GUBERNATIS, Angelo De. 1879. *Principios Elementares da Grammatica da Lingua Sãoskrita*, por G.G. De Vasconcellos Abreu, discipulo de Haug e de Bergaigne. *Bollettino italiano degli studi orientali* X (18-19): 354-355.

HARLEZ, C. de. 1883. *Manual para o Estudo do Saoskrito Classico*, por G. de Vasconcellos-Abreu, in-8.º, XIV, 182 pp. - Lisbonne 1881-1882 [recensão crítica]. *Le Muséon: revue d'études orientales* II: 150-151. [Republicado em 1884, tomo III: 158-159.]

---. 1884. G. de Vasconcellos-Abreu. *Manual para o estudo do sãoskrito classico*. t. II, *Chrestomathia*, in-8.º pp. 70. Lisboa 1883 [recensão crítica]. *Le Muséon* III: 158-159.

LITTRE, Émile. 1874. La Philosophie positive en Portugal. *La Philosophie positive* XIII (jul.-dez.): 149-150. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k778845>.

Bibliografia sobre o autor

MACHADO, Everton V. [2019]. *Guilherme de Vasconcelos Abreu 1842-1907*, <http://vasconcelosabreu.bnportugal.gov.pt>.

---. 2018. *O Orientalismo Português e as Jornadas de Tomás Ribeiro - Caracterização de um problema*. Coleção “Estudos”. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

MARTINS, Ricardo Loureo. 2015. Guilherme de Vasconcelos Abreu: breve nota biográfica sobre o primeiro sanscritista português. *Férula. Revista da Associação para Estudos Históricos Interdisciplinares* 8 (jan.-mar.): 23-39.

PEREIRA, João Manuel Esteves, e Guilherme RODRIGUES. 1904. S.v. “Guilherme de Vasconcellos-Abreu”. In *Portugal. Dicionário histórico, chorográfico, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*, vol. 1 - A. Lisboa: João Romano Torres, 26-29.

RAMOS, Manuela Delgado Leão. 2001. Uma “larga falange de Orientalistas”: o caso de Vasconcelos-Abreu. In *António Feijó e Camilo Pessanha no Panorama do Orientalismo Português*, <https://manueladramoslivro2001.wordpress.com/indice/3-orientalismos-continentais-e-uma-voz-do-oriente/>.

SAMARTH, Anil. 1999. Guilherme Augusto de Vasconcelos Abreu: a sua descoberta cultural da Índia. *Anto 5*: 93-107.

---. 2010. Guilherme Augusto de Vasconcelos Abreu: a sua descoberta cultural da Índia - II. *O Sul. Jornal Cultural de Debates* 7, ago., 14.

SANTOS, Fernanda Maria Cardoso. 2010. *Marginália nas Coleções das Bibliotecas: o fundo Guilherme de Vasconcelos Abreu na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Documentação e Informação. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/3311>.

VELHO, Selma de Vieira. 1988. *A Influência da Mitologia Hindu na Literatura Portuguesa dos Séculos XVI e XVII*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

VICENTE, Filipa Lowndes, e Ana Rita AMARAL (ed.). 2019. *Cartas de Intelectuais e Orientalistas Portugueses em Florença (século XIX)*. Lisboa: Tinta-da-China. [no prelo]

VON KEMNITZ, Eva-Maria. [2015]. S.v. “Guilherme de Vasconcelos Abreu”. Coord. Eva-Maria von Kemnitz. In *Dicionário de Orientalistas de Língua Portuguesa*, <https://orientalistasdelinguaportuguesa.wordpress.com/guilherme-de-vasconcelos-abreu/>.

Outras referências

AA.VV. 1891. Ninth International Congress of Orientalists. *The Imperial and Asiatic Quarterly, and Oriental and Colonial Record* II (out.): xi.

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO. 1873. *Correspondência Artística e Científica Nacional e Estrangeira com J. Possidónio da Silva. 1873*, vol. 6 (tomo 6 em 8.^o), docs. 891 e 892.

---. 1874-1880. *Correspondência Artística e Científica Nacional e Estrangeira com J. Possidónio da Silva. 1874-1880*, vol. 4 (4.^o), cx. 5, doc. 2700.

---. 1877. Ministério do Reino, Instrução Pública, 1.^a Repartição, Mç. 3666, Liv. 7, n.^o 198 a n.^o 68 e doc. 132.

---. 1882-1884. Ministério do Reino, Instrução Pública, 1.^a Repartição, Mç. 3683, Proc. 201 a 236, Liv. 13, doc. 254.

BAYE, Baron J. de. 1889. *Le Congrès international des orientalistes à Stockholm*. Paris: Librairie Nilsson.

CABRAL, Alexandre. 1992. Dois médicos de Camilo até agora desconhecidos. Augusto Cesário de Vasconcelos Abreu. *Colóquio/Letras* 125/126 (jul.): 222.

CORREIA, Valentim José. 1874. Relatório apresentado na sessão solenne de 31 de Maio de 1874. *Boletim Architectonico e d'Archeologia* 2 (2.^a série): 17-19 (18). Disponível em <https://archive.org/details/boletimdearchite01asso>.

COELHO, Francisco Adolfo. 1900. *Le Cours supérieur de lettres: mémoire*. Paris e Lisboa: Aillaud & Cie.

DALGADO, Sebastião. 1917. *Gonçalves Viana e Lexicologia Portuguesa de Origem Asiático-Africana*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

FEITAIS, Paulo. 2007. Antero de Quental foi budista? *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* 6 (11): 109-124.

FARIA E MARIA, João Machado. 1896. Memórias. In *Anthero de Quental. In memoriam*. Porto: Mathieu Lagan, Editor, 145-200 (166). Disponível em <https://archive.org/details/antherodequenta00quengoog>.

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA. [1895-1930]. N.º 11 - Secção de Ensino Geographico. In *Pareceres e Projectos. 1-15. Relatórios 1895-1930*. [Lisboa: Sociedade de Geografia], 1.

---. 1892. Espólio de Luciano Cordeiro, *Correspondência 1892*, cx. 2.

MPP

última atualização em agosto de 2019